

Amor errado

Profundo é o poço do passado. E ninguém sabe o que dali pode sair. Um terrível segredo, guardado bem no fundo da alma. Lembranças repulsivas, com as quais não se pode perder nem um minuto.

É impossível dar uma olhadela que seja no buraco negro dessas memórias. Principalmente esta lembrança que arde, que dói como espinho de ouriço que nunca foi extraído do pé. A cada passo, uma dor. A cada dor, uma vertigem.

A vergonha também me dói, mais do que a culpa e o medo de ser obrigado a pagar pelo meu crime.

Naquele dia, eu logo percebi que algo havia mudado. Você estava amuada, no seu canto. Afastou-se de mim quando a toquei.

Falou que se sentia insegura. Que aquilo não podia continuar.

E não podia mesmo, pois você ameaçou quebrar nosso pacto. Em um instante de insanidade, de falta de bom senso, ameaçou contar tudo, espalhar aos quatro ventos. Eu não podia admitir.

Lembra-se de quando corríamos pelo campo? Eu via em você muito mais que uma menina, mas guardei meu sentimento o máximo que pude.

Até que houve a confluência de interesses. Tivemos ótimos momentos juntos.

Mas, aos poucos, você foi se afastando. Eu não era mais aquele homem protetor, sempre em volta quando você precisava.

Não podia aceitar seu afastamento. Eu te busquei, te criei, te encorajei. Você me devia muito. E eu iria cobrar, ah se iria...

Nem minha, nem de ninguém mais.

Acima de tudo, você cuspiu no prato em que comeu. Tanta dedicação, tanta preocupação em preservar sua integridade, como você tanto me pediu. E eu, estupidamente, atendi.

Mas você subestimou a força de minhas mãos e a raiva no meu coração.

Bastou imprimir um pouco de firmeza no seu frágil pescoço e logo tudo era silêncio.

E torpor.

E saudade.

Mas eu não volto atrás, e nem poderia.

Adeus querida, irmã.